AUTOMEDICAÇÃO E INTOXICAÇÃO POR PARACETAMOL: A ATENÇÃO FARMACÊUTICA NA DISPENSAÇÃO DE MEDICAMENTOS DE VENDA LIVRE

Alexandra Azeredo Couto Rodovalho[1]
Aline Mendes Ribeiro [2]
Joyce Peres Jacinto [3]
Carolina Torres Moraes [4]

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, significante parte dos medicamentos comprados pela população é por meio da automedicação. Por “automedicação” deve-se entender o consumo de remédios sem qualquer indicação e prescrição de um profissional de saúde habilitado para a realização do diagnóstico e avaliação de um tratamento adequado para a saúde do indivíduo (ARRAIS et al., 2016; DOMINGUES et al., 2015).

O paracetamol é um medicamento de uso comum no Brasil, sendo um dos mais consumidos para o alívio rápido de dores em geral. Esse trabalho buscou identificar quais são os fatores, sejam eles culturais ou econômicos, que contribuem para um consumo exacerbado de medicamentos como o paracetamol, conceituando qual seria o significado de automedicação, a importância da prescrição médica e da orientação farmacêutica, uma vez que o paracetamol é um medicamento que contém um grave risco de hepatotoxicidade se consumido de um modo exacerbado, além de sua posologia diária, gerar malefícios e consequências tanto a médio quanto a longo prazo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo adota-se como escopo analítico uma pesquisa de campo, de abordagem quantitativa, que se define como uma pesquisa com o caráter de reunir

Graduanda do Curso de Farmácia da Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, alexandracoutor@gmail.com.
[2] Graduanda do Curso de Farmácia da Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, alinemendes.rib@gmail.com.
[3] Graduanda do Curso de Farmácia da Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, joyceperes35@gmail.com.
[4] Professor orientador: Graduada em Farmácia – UFOP e mestre em Química - UFES, professora da Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, carolina.tmoraes@gmail.com. Cachoeiro de Itapemirim – ES, novembro de 2022.

dados numéricos e analisá-los de modo estatístico. Este estudo tem o objetivo de levantar dados através de uma pesquisa realizada por meio da plataforma Google Forms, com questões relacionadas à automedicação, atenção farmacêutica e intoxicação por paracetamol, na qual um número de pessoas responderá anonimamente, relatando sua experiência com a automedicação.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Automedicação

A automedicação é o ato de usar medicamentos, sintéticos ou fitoterápicos, para tratamento ou alívio dos sintomas, seja por determinação do próprio indivíduo ou por conselho, e refere-se a quaisquer classes de medicamento, principalmente aos que não necessitam de receita médica. Desse modo, a automedicação representa obter medicamentos sem receituário médico, partilhar os fármacos, seja com os familiares ou com pessoas próximas, aproveitar de receitas antigas, utilizar novamente receituários, não cumprir com a receita elaborada pelos profissionais, postergar e também suspender antecipadamente a terapia (CRUZ et al, 2015).

Para a indústria farmacêutica, a automedicação é um comportamento favorável, pois há um considerável aumento de vendas e, por consequência, o aumento dos lucros. Através do auxílio da mídia, em que o propósito é induzir a utilização dos medicamentos pela população, leva a cada vez mais casos de automedicação dos fármacos (NASCIMENTO, 2015).

O ato da automedicação traz vários prejuízos à saúde do indivíduo, podendo ser até mesmo letal, e assim, é vista como um problema de saúde pública na maioriados países. Por meio da compreensão de que os fármacos são elaborados com a finalidade terapêutica para interromper ou diminuir manifestações clínicas causadas por problemas de saúde, bem como gerenciar condições crônicas, diminuir riscos de possíveis complicações, restabelecer a saúde e contribuir na diagnose, é válido ressaltar que somente profissionais da saúde qualificados devem prescrever e orientar de maneira adequada a terapia e o tempo que deve ser utilizada, a fim de tratar as enfermidades (BRASIL, 2015).

3.2 Paracetamol e automedicação

Segundo um estudo recente, a maioria dos medicamentos consumidos pelos brasileiros sem a presença de uma orientação profissional consiste em analgésicos, anti-inflamatórios, antialérgicos e antibióticos. As mais comuns alegações para a automedicação consistem em sintomas como dores de cabeça, náuseas, resfriados, estado febril, dores de barriga e insônia (SILVA et al., 2021).

O paracetamol é um medicamento que não requer prescrição médica, sendo utilizado para o tratamento de dores leves a moderadas, como um redutor de febre e como anti-inflamatório. Sua ação é por inibir a síntese de prostaglandinas no sistema nervoso central, bloqueando a geração de impulso de dor perifericamente, e age como um antipirético por inibir o centro de regulação de calor do hipotálamo (SANTOS; MORAES, 2014). É de conhecimento geral que o consumo do paracetamol no Brasil é muito comum, sendo até mesmo uma prática incentivada por muitos indivíduos, mas pouco são questionadas as consequências de seu uso sem orientação profissional, já que pode levar a uma hepatotoxicidade e ao atraso em detectar certas patologias e em receber o correto diagnóstico de doenças. A toxicidade por paracetamol pode ser considerada a causa mais comum de insuficiência hepática no mundo (SILVA et al, 2021; ZANARDO et al., 2013).

Quando o paracetamol é tomado em quantidades tóxicas, pode levar a um aumento do N-acetil-benzoquinoneimina (NAPQI), metabólito tóxico para o fígado e para os rins. A única terapia comprovada para a intoxicação por paracetamol é a N-acetilcisteína (NAC), que é pode prevenir a insuficiência hepática e a lesão hepática causada por uma superdosagem de paracetamol pelo crescimento da capacidade do corpo de desintoxicar a NAPQI (SANTOS, 2014).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada na plataforma Google Forms, contando com a participação de 156 pessoas para o recolhimento de dados. A idade dos entrevistados variou bastante, sendo dividida em: menos de 18 anos (19,6% dos entrevistados), de 18 a 25 anos (26,1%), 26 a 35 anos (29,4%), 36 a 45 anos (8,5%), 46 a 55 anos (9,8%)e com mais de 56 anos (6,6%).

Em relação à atuação profissional dos entrevistados, foi observado, que 71,7% não tem nenhuma relação com a área da saúde, 19,1% estudam ou trabalham na área da saúde e 9,2% já trabalharam ou estudaram nessa área, totalizando 28,3% de profissionais e estudantes da área da saúde, o que presume um conhecimento maior sobre a automedicação.

Ao isolar os dados obtidos quanto à profissão dos entrevistados, foi possível destacar quantos desses têm o costume de se automedicar, chegando à conclusão de que grande parte desses entrevistados que atuam ou estudam na área da saúde, como farmácia, enfermagem, medicina e odontologia, faz uso de medicação sem orientação farmacêutica ou médica. Em resposta à pergunta: “Você costuma utilizar medicamentos sem orientação profissional?”, 75,8% dos entrevistados que responderam ser da área da saúde disseram que, sim, realizam a automedicação.

Quanto aos demais entrevistados, significativa parte também realiza a automedicação, chegando a um total de 74,8%, replicando um comportamento também comum entre os profissionais da saúde. Tal dado é preocupante, uma vez que muitos desses medicamentos podem estar mascarando doenças graves ou gerando a intoxicação de diversos consumidores (LAGEMANN; OKUYAMA; SILVA, 2021).

Mais precisamente, foi perguntado quais medicamentos os entrevistados tinham mais costume de fazer uso sem a orientação de um profissional, e as respostas variaram principalmente entre o uso constante da dipirona (53 dos entrevistados) e oparacetamol (32 dos entrevistados), junto a demais analgésicos (18 dos entrevistados). Medicamentos com funções antigripais (13), antialérgicas (20) e antiinflamatórias (24) também obtiveram destaque como os mais utilizados. Confirmando esses dados, pôde-se observar nos resultados da pesquisa, que 80% dos entrevistados já haviam tido contato com o paracetamol sem orientação profissional.

Apesar da porcentagem alta de indivíduos que utilizam o paracetamol sem orientação profissional, poucos já haviam identificado alguma reação adversa ou intoxicação pelo uso do paracetamol, cerca de 2% dos entrevistados. No entanto, os números subiram um pouco quando foi perguntado se conheciam alguém que já havia sido intoxicado por paracetamol, totalizando 12% do total dos entrevistados. Mesmo os casos de intoxicação por paracetamol sendo baixos, seu risco hepatotóxico é ainda

preocupante se a atenção farmacêutica não tomar consciência de seu papel no processo saúde-doença.

Quanto à atenção farmacêutica, numa escala de um a cinco — o grau um correspondendo a péssimo e o grau cinco correspondendo a excelente —, os entrevistados concluíram que têm recebido uma orientação farmacêutica mediana no ato da venda livre de medicamentos que não requerem prescrição médica, com uma soma de 58,5% das pessoas afirmando que recebem uma atenção farmacêutica mediana ou boa em drogarias.

Apesar dos dados informarem uma certa satisfação com a orientação farmacêutica, é incerto que os entrevistados tivessem ciência da atuação ideal do farmacêutico dentro dos parâmetros estabelecidos para a atenção farmacêutica. Muitos ainda desconhecem o papel do farmacêutico na drogaria, que não seria somente dispensar o medicamento, mas rearranjar as funções farmacêuticas na drogaria, não focando na atividade comercial, mas no processo saúde-doença (FARINA e ROMANO-LIEBER, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, é possível concluir que, apesar de poucos serem os casos citados na pesquisa quanto à intoxicação por paracetamol, o consumo inconsequente dos fármacos abrange não só os indivíduos, mas, além disso, aspectos de saúde coletiva, embora haja resolução que regulamenta os medicamentos isentos de prescrição a respeito do uso em curto período de tempo para garantia da segurança, percebe-se o uso inapropriado que ocasiona em maléficos. O profissional farmacêutico que é o instrutor fundamental para a aderência ao tratamento de forma segura e correta e reabilitação da saúde, deve contribuir para que os usuários se conscientizem quanto à relevância do uso eficaz e racional dos fármacos de acordo com o uso terapêutico correto, uma vez que o alto consumo de medicamentos desnecessários para a boa manutenção da saúde muitas vezes compromete a saúde da população.

Diante disto é necessário a promoção do uso racional de medicamentos, afim de estimular uma compreensão de saúde e doença para que o nome medicamento não seja visto como de produtos comerciais, ignorando o objetivo terapêutico e seja visto como um meio de tratamento justificadamente necessário, contribuindo para a

diminuição dos números de intoxicação e internações hospitalares, e consequentemente, atuar em níveis de prevenção e promoção da saúde, proporcionando melhor alocação dos recursos disponíveis. Foram reunidos, então, dados quanto à visão da população brasileira referente aos medicamentos, apontando quais seriam os principais fatores da automedicação, mostrando que o farmacêutico tem papel fundamental nisso.

6 REFERÊNCIAS

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2016, v. 50, n. 2. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117. Acesso em: 13 jun. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Cartilha para promoção do Uso Racional de medicamentos**. Brasília - DF, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_promocao_uso_racional_medicamentos.pdf. Acesso em: 02 out. 2022.

CRUZ, P. S.; CARAMONA, M.; GUERREIRO, M. P. Uma reflexão sobre a automedicação e medicamentos não sujeitos a receita médica em Portugal. **Revista Portuguesa de Farmacoterapia**, v. 7, n. 2, p. 83-90, 2015. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19682/1/Artigo01_MGuerreiro.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência da Automedicação na População Adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo: v.49, n. 36, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/KKtXwhTQD3mLLdh7FRw6qtL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23 set. 2022.

FARINA, Simone Sena e ROMANO-LIEBER, Nicolina Silvana. Atenção farmacêutica em farmácias e drogarias: existe um processo de mudança?. **Saúde e Sociedade** [online]. 2009, v. 18, n. 1, pp. 7-18. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000100002. Acesso em: 01 nov. 2021

LAGEMANN, L. M. .; OKUYAMA, J. H. .; SILVA, M. T. Interações medicamentosas graves em intoxicações por paracetamol no Brasil: estudo transversal baseado no Sistema Nacional de Agravos de Notificação. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 660, 2021. Disponível em: https://rbfhss.org.br/sbrafh/article/view/660. Acesso em: 9 nov. 2022.

NASCIMENTO, Álvaro. Propaganda de medicamentos: como conciliar uso racional ea permanente necessidade de expandir mercados?. **Trabalho, educação e saúde**, v.5, n.2, 2015. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/tes/a/SsnvSKFP9y9DkV3sHyfj4Wy/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 out. 2022.

SANTOS, Camila Cristina de Oliveira dos; MORAES, Monice de Oliveira. **Hepatotoxicidade por paracetamol.** São Paulo: Faculdade de Pindamonhangaba, 2014. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/bitstream/123456789/265/1/SantosMoraes.pdf. Acesso em 12 out. 2021.

SILVA, Victória Toledo; COELHO, Letícia Maria Machado; SANTOS, Dayana Bomfim; MARTINS, Larissa Silva e SANTOS, Gérsika Bitencourt. Intoxicação por medicamentos: uma revisão de literatura com abordagem no tratamento. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 23, p. e6781, 28 mar. 2021.

SILVA, Yara de Almeida; FONTOURA, Ricardo. Principais Consequências da Automedicação em Idosos. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, Valparaíso de Goiás: V.3, N.1, p. 75-82, 2014. Disponível em: http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/118/70. Acesso em: 05 out. 2022.

ZANARDO, C.H.; ROCHA, N.D.; MAGGIONI, L.S.; GAVIOLI, I.L. **Intoxicação por Paracetamol.** Acta méd.(Porto Alegre), 6-6. Disponível em: http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/880510/intoxicacao-por-paracetamol.pdf Acesso em: 13 out. 2022.